



O Texto Jornalístico de Gabriel García Márquez: Análise de Reportagens¹

Ana Paula Aparecida da Silva Duarte²

Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS

Resumo

Os textos de Gabriel García Márquez são lembrados com certa apreciação na literatura por uma característica deste escritor surgido no chamado *boom* latino-americano. Suas obras o consagraram como mestre do “Realismo Mágico”, gênero que mistura fantasia e realidade. Ainda que seja um dos escritores mais importantes do século XX, o Nobel de literatura transitou também pelo jornalismo, assim como os brasileiros Euclides da Cunha e Machado de Assis. Os escritores de redação trouxeram com eles discussões acerca do jornalismo literário, como a adoção de um estilo literário, e não ficcional, na escrita. A reportagem é considerada uma das mais próximas herdeiras deste estilo no jornalismo pela narrativa. As reportagens analisadas sob autoria do jornalista são extremamente descritivas. Como resultado de tamanha apuração está um estilo próprio.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Jornalismo Literário; Reportagens.

Introdução

Escritor que através do Realismo Mágico característico e pelo conjunto da obra foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1982, ele se tornou um dos mais importantes do século XX. Gabo³, como é carinhosamente chamado transitou pelo jornalismo. Em quase 50 anos de profissão trabalhou em jornais latinos, produziu crônicas/contos e foi correspondente na Europa. Escreveu jornalismo em “Notícia de um sequestro” e “Relato de um naufrago”. Gabo é parte de uma tradição latino-americana de escritores que ziguezagueiam entre a produção de notícias e contos, romances e poemas.

Ao longo de sua carreira, o autor teve textos publicados em jornais e agência de notícias: *El Universal*, *El Heraldo*, *El Nacional*, *El Espectador*, *Prensa Latina*. Talvez o *El Espectador*, um dos jornais mais antigos de seu país, represente o apogeu na reportagem para impresso.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela UCDB. Acadêmica do 1º semestre do curso de Letras da Universidade Católica Dom Bosco, email: paulaa.duarte@hotmail.com.

³ É por meio do apelido carinhoso com que García Márquez é conhecido em toda Colômbia e região.



Nos últimos anos surgiram homenagens à figura de jornalista do Nobel, como a criação em 2013 dos "Prêmios Gabriel García Márquez" outorgados pela Fundação do Novo Jornalismo Ibero Americano (FNPI), fundada por ele, em uma tentativa de resgatar a profissão. No dia 17 de abril de 2014, Gabriel García Márquez, aos 87 anos, deixou a literatura e uma multidão de luto.

Levando em conta a carência de uma pesquisa sobre as obras do autor publicadas em jornais impressos, analisa-se três destas reportagens, publicadas no *El Espectador* e que foram compiladas posteriormente em livros que correspondem a obra jornalística, lançado pela Editora Record.

Para a escolha, foi priorizado sua repercussão e aspectos sociais, conforme a organização e prólogo de Jacques Gilard no volume “Obra Jornalística vol 2, Textos Andinos 1954-1955”, de Gabriel García Márquez (2006). De acordo com a coleção de cinco volumes intitulada “Obra Jornalística”, aproximadamente dois mil textos foram publicados pelo autor no período da rotina das redações, de 1948 à 1995. Passam pela análise "O Chocó que a Colômbia desconhece" publicada em setembro de 1954, "Da Coréia à realidade" publicada em dezembro de 1954 e "O drama de três mil crianças colombianas desabrigadas" de maio de 1955.

A análise propõe repensar o modo de fazer jornalismo pautado pelo autor em uma leveza despreocupada com a técnica. Já que o padrão americano preconizou uma estrutura organizacional e assim delimitou os gêneros jornalísticos, resultando em uma linguagem centrada no essencial e obedecendo à ordem direta.

Jornalismo literário: aproximações à vista

O casamento verdadeiramente íntimo entre o J (Jornalismo) e o L (Literatura). Esse casamento se chama Jornalismo Literário, definido por Edvaldo Pereira Lima (2003) como reportagem ou ensaio em profundidade, nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura.

Analisando a imprensa diária no século XIX, percebemos a extensa participação de escritores nos periódicos, criando um jornalismo com características literárias e modificando a maneira de fazer jornal no Brasil e no mundo. Uma alternativa valiosa para o processo de busca por compreensão social, assim como fora a literatura realista no mesmo século. Bulhões (2007) cita o Neo-Realismo como um ponto fundamental na articulação da atividade jornalística do período.



No entanto, os jornais não contavam com escritores em suas redações, essa participação ocorreria apenas na Alemanha durante o século XIX. E foi justamente no século XIX que a influência da Literatura no Jornalismo tornou-se mais visível (PENA, 2008). Neste período, o jornalismo literário tornou-se um “fenômeno universal”, apresentando o folhetim como principal instrumento da junção entre jornalismo e literatura.

O folhetim será um componente de irresistível atração e apelo às massas como intervalo de puro entretenimento, espaço para o imaginário das populações urbanas. Todavia, a presença do folhetim nunca se confundirá com a consciência que o jornalismo vai cada vez mais formulando a respeito de sua natureza fundamental (BULHÕES, 2007, p.25).

Nesta passagem, percebemos que o século XIX exprime as principais mudanças no jornalismo, principalmente na relação do político com o literário. Posteriormente, principalmente no século XX, a imprensa adquire novas perspectivas: o valor de troca – venda de espaço para a publicidade – torna-se prioridade em relação ao valor de uso – parte noticiosa – conforme Marcondes Filho (2002). Neste século, a imprensa designa-se como uma grande empresa que visava o lucro, a publicidade e os anunciantes e, por consequência, a literatura ocupará esporadicamente suplementos e cadernos literários, restando à crônica como herança dos escritores literários.

Segundo Pena (2008), os escritores vão modificar o modo de fazer imprensa no Brasil e no mundo e a principal manifestação desta associação – literatura e jornalismo – no primeiro momento será através do folhetim. Ciro Marcondes Filho (2002) elabora um quadro evolutivo do jornalismo que contempla cinco épocas distintas. Para o autor, o primeiro e o segundo jornalismo, compreendidos entre os anos de 1789 à 1900, caracterizam-se como o período de maior influência da literatura nos periódicos.

Os jornalistas sérios, comprometidos com a sociedade, têm seu espaço reduzido e buscam alternativas. A introdução da literatura e suas particularidades é umas delas. De acordo com Pena (2008), o jornalismo literário não ignora o que aprendeu no diário, mas potencializa os recursos como a apuração rigorosa. Novas estratégias profissionais vão sendo construídas com o jornalismo literário, mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas.

A partir da concepção de uma estrela de seis pontas, Pena (2008) caracterizou este modo de fazer jornalismo. O jornalismo rompe com duas características básicas do



jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não está enjaulado pelo *deadline*, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem. Em quarto lugar é preciso exercitar a cidadania. Em quinto rompe com as correntes do lead. Por último, a perenidade. Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial.

Literatura e jornalismo certamente têm elementos em suas narrativas que as caracterizam e as distinguem, conforme Vicchiatti (2005) a qualidade do texto, suas emoções, seus envoltórios, sua criatividade não parecem ser responsáveis por essa distinção. Necchi (2007) concorda, mas alerta jornalismo não é literatura e deve ater-se ao real como substância a ser apreendida e moldada. O ponto de partida, conforme Necchi, sempre é a realidade – ou a noção que se tem de realidade. A ficção pode funcionar como mote da literatura, mas não do jornalismo.

Análise de reportagens

O caso do Chocó, publicado originalmente em quatro séries de reportagens, relata o drama de uma vasta região que vivia à margem da comunidade nacional e submetida, além disso, à exploração e ao domínio de empresas norte-americanas. A série analisada trata-se de uma série que aborda a presença de soldados colombianos na Coreia, chamados depois de “veteranos” da Coreia, a reportagem apareceu poucos dias depois da volta ao país do último contingente de voluntários do “Batalhão Colômbia”. A reportagem de García Márquez é publicada, evidentemente, contra a opinião predominante, e pretende anular os efeitos do otimismo patriótico que se manifestou ruidosamente nos dias anteriores. Já a terceira narra a situação de crianças que ignoraram o destino de seus pais e como as Forças Armadas distribuem as pequenas vítimas nas instituições de beneficência

Com base na tabela de dados fundamentada em Pena (2008) e Bulhões (2007), através da análise do discurso a relação de Gabriel García Márquez com o gênero "novo" a seguir.

O Chocó que a Colômbia desconhece

TABELA 1: CARACTERÍSTICA DO TEXTO JORNALÍSTICO LITERÁRIO		
	Sim	Não
a) Narrativa:	X	



b) Subgêneros tipologia: Romance-reportagem, ficção jornalística, biografia, etc.	X	
c) Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo e precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáfora), digressão e humanização.	X	
d) Hibridismo: Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do <i>lead</i> , evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.	X	
e) Reportagem como base:	X	

(Fonte: Pena(2008), Bulhões (2007))

Gabriel García Márquez integra nas reportagens em sua totalidade elementos do jornalismo literário, mas o que vem a ser o jornalismo literário? Este gênero ainda não é em sua maioria tão forte fora do eixo escritores-jornalistas. Contudo, as reportagens desta série permanecem como base para uma obra literária, é inegável que com as seguintes características híbridas o escritor prova a sua despreocupação por um jornalismo regrado. Com o jornalismo literário, ele proporciona uma amplitude na observação como quando na fotografia se dá o *zoom* ou o *fisheye*, um exemplo é este efeito aplicado à estrutura das casas em Quibdó: “Empoeiradas casas de madeira embutida e tetos de zinco, invariavelmente de dois andares”. O **item c** e seus elementos são para Felipe Pena (2008) fundamentais para a produção no gênero, o JL aqui é colocado como tal embora não possua tanta referência teórica sobre o assunto. Cogitando esta existência atrelada à imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo e precisão de dados os textos de “O Chocó que a Colômbia desconhece” seguem fielmente o modo, claro com a interpretação de García Márquez.

É em virtude de dados e acompanhamento que ele redigiu as reportagens, iniciada com o trajeto ainda incerto e tratada como uma aventura pouco fabulosa. A inclusão de dados oficiais trouxe o lado jornalístico para os textos como a pesquisa no mapa ou até o modo do governo de Chocó tratar a situação. Mas o ponto principal no que tange as características de Gabo foi adentrar ao local e conversar com muitos (sem limitação) *chocoanos*⁴. Em sua autobiografia *Viver para Contar* ele expressa que considera a entrevista essencial como material de base para a reportagem, que continua achando o gênero maior do melhor ofício do mundo. A opinião dele associada com o JL acrescenta

⁴ Ao se referir aos habitantes de Chocó, Gabriel García Márquez optou por grifar toda e qualquer menção durante a reportagem. Portanto, o artigo segue a formatação do autor.



no que Pena (2008) defende sobre o gênero, pois não é só aplicar os recursos para se tornar um jornalista literário, é preciso engajamento. Só se consegue aplicar entrevistando com exaustão cada um de seus personagens até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade possível. Com isso batemos num entrave do jornalismo atual, o tempo que acompanha as tecnologias, contribui para o jornalismo literário passar vários dias com as pessoas sobre as quais vai escrever e assim chegar ao diálogo. Para Lage (2005) na reportagem de precisão o repórter não pode ou não deve ser passivo quanto propõe a profissão.

Para Cremilda Medina (2005) um entrevistado fixado em ideias preestabelecidas ou no autoritarismo impositivo frustra o receptor e, portanto não há um diálogo, sem contar que na maioria das vezes há um *script* pré-montado onde o entrevistado é guiado pelo jornalista. O que encontramos na reportagem de García Márquez aparentemente resulta do diálogo possível. Este diálogo acontece quando a técnica é ultrapassada pela intimidade e entrevistado e entrevistadores saem diferente após o encontro. Somente um contato interativo e humanizado traria tanta riqueza de detalhes e percepções que reconstroem histórias. Permeando os textos sobre o Chocó encontramos o consultor-geral do departamento, os engraxates, a negrinha que atende o hotel, as donas de casa nos postos de organização, *chocoanos* que não saíam às ruas, vendedor de bugigangas, índio que não aceita pagamentos em moedas, carregador de bananas, jovem que atende os hóspedes em hotel de Istmina, inspetor de polícia de Andagoya, professor de escola e “mulheres de ninguém” em Andagoyita, o presidente do sindicato dos trabalhadores, funcionários de mineradora e outros tantos *chocoanos* que ajudaram o jornalista escrever as reportagens com intuito de alertar para existência do Chocó.

Ainda conforme o **item c**, os textos adotam estilo, voz autoral, digressão e humaniza ção porque ele tirou do “peixe morto” o que foi possível, todo o relato de expedição de Tarzan por parte de García Márquez (2003) revela que procurou transmitir o descobrimento de outro país inconcebível, do qual não tinha nenhuma consciência dentro da própria Colômbia. “Uma pátria mágica de selva floridas e dilúvios eternos, onde tudo parecia ser uma versão inverossímil da vida cotidiana”.

Desde o primeiro momento estes textos são tratados como reportagens levando em conta as características de Sodré e Ferrari (1986) acerca do assunto: a) predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista; d) objetividade dos fatos narrados. Para eles, as características variam, mas a narrativa é fundamental ou não será uma reportagem. O **item e** se consagra como



a categoria nobre do jornalismo somado as investigações e com o tempo ganhou características literárias, conclui-se assim que a reportagem é a base para uma produção jornalístico-literária. Bulhões (2007) ressalta que a reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no contorno de suas motivações e implicações. Possui variantes de formato, ora mais descritivos, narrativos, expositivos, dissertativos; e constrói com apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões. O hibridismo de gêneros como jornalismo e da literatura faz com que a grande reportagem no primeiro se torne romance-reportagem ou até livro-reportagem. As séries analisadas se encaixam no **item b** porque pode ser consideradas romance-reportagem pela busca a representação direta do real e não gêneros separados, uma reportagem com definição de Pena (2008). Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferente das reportagens de cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência.

Paralelo a isto, Pena (2008) assimila uma reportagem com o bom livro que “permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos”.

Bem como esta característica há também de maneira seguida e combinada a narrativa (conforme **item a**) que se espalhou entre a profissão, aos jornalistas cabia um outro desafio: usar as mesmas técnicas narrativas, porém com o objetivo de retratar com fidelidade o mundo real. Parte do pressuposto de que o texto exclusivamente informativo não tem uma narrativa trabalhada. O entusiasta Edvaldo Pereira Lima (2003), co-fundador da ABJL (Academia Brasileira de Jornalismo Literário), denomina a tradição do jornalismo literário pela incorporação de recursos e técnicas de captação e redação provenientes da literatura. É um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto.

Nestas reportagens, as narrativas seguem o cronograma de chegada de García Márquez à cidade desde as primeiras impressões até quando começa a “prosear” com o povo *chocoano*, toda sensibilidade proporcionada ao texto veio da interação. No trecho abaixo retirado de sua autobiografia, ele conta sobre o princípio da reportagem e o que viu no local, este modo de narrar se assemelha muito com o que foi originalmente publicado pelo jornal *El Espectador*, até quando cita aldeia africana:



“A igreja remendada com tábuas, os bancos de cimento borrados pelos pássaros e uma mula sem dono que mordiscava os ramos de uma árvore gigantesca eram os únicos sinais de existência humana na praça empoeirada e solitária que mais parecia uma aldeia africana (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p.438).

Comparando com o texto que integra “O Chocó que a Colômbia desconhece”, Gabo escreveu da seguinte forma:

Com sua igreja inacabada, remendada com latas, e seu dizimado parque municipal, que parece o saldo de um terremoto, Quibdó é um povoado de gente civilizada, hospitaleira e pacífica, mas que parece um acampamento no coração da selva. Suas empoeiradas casas de madeira embutida e tetos de zinco, invariavelmente de dois andares; suas enviesadas ruas empedradas e seus homens vestidos de branco, com o imprescindível guarda-chuva pendurado ao braço, obrigam necessariamente a recordar algo que não é Quibdó de nenhum modo: uma aldeia africana (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, pp. 257-258).

O item d relaciona-se à estrela de sete pontas de Felipe Pena (2008), estes elementos não ignoram o jornalismo diário, somente aprimoram de maneira a acrescentar literariedade. Nela ultrapassam os limites dos acontecimentos cotidianos, proporciona visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, garante perenidade e profundidade aos relatos. Os definidores primários estão presentes embora não em maior quantidade como prioridade, já *o lead* está presente em todos os textos de maneira narrativa, com um estilo próprio do jornalista. García Márquez quebrou a rigidez que a estrutura jornalística traz da academia.

Diferencia o modo de captação do jornalismo convencional com aquele que chamamos de jornalismo literário ou jornalismo narrativo. O produtor do primeiro sofre pressões específicas, como o tempo (deve entregar a matéria redigida até determinado horário, cumprido com rigor) e o espaço (seu texto deve ocupar uma área preestabelecida da página em que será incluído). *El Chocó* foi publicado em 1954, momento em que escritores estavam se alinhando ao jornalismo e poderia se render ao básico como facilidade. Esquecemos que para Gabo essa maneira de encarar a sua escrita transparece com cuidado e não cansa o leitor de um jornal. Em determinado momento na reportagem ele interpreta “Nós, que assistimos a essas reuniões, temos suficientes motivos para acreditar que o povo *chocoano* tem o ânimo temperado para haver resistido indefinidamente”. Enfim, a linguagem pode evidenciar a narrativa e confundir no que tange em padrões, pois a primeira vista parecem somente literatura, por vezes o jornalismo literário está lá. A paixão por detalhes não está apenas nestas reportagens, um outro exemplo desta característica do colombiano está no início do livro-reportagem *Notícia de um sequestro* (1996). Nas primeiras linhas descreve a visão



de Maruja, as horas, o tempo, o local e a condição vulnerável à um sequestro e contradiz que não havia nada a temer. O começo desta reportagem publicada pelo *El Espectador* é um tanto quanto atrativo graças aos recursos literários porque se chegar ao Chocó poderia ser descartado já que do ponto de vista de fora visto como sem novidade.

Da Coréia à realidade

TABELA 2: CARACTERÍSTICA DO TEXTO JORNALÍSTICO LITERÁRIO		
	Sim	Não
a) Narrativa:	X	
b) Subgêneros tipologia: Romance-reportagem, ficção jornalística, biografia, etc.		X
c) Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo e precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáfora), digressão e humanização.	X	
d) Hibridismo: Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do <i>lead</i> , evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.	X	
e) Reportagem como base:	X	

(Fonte: Pena (2008), Bulhões (2007))

É preciso levar em consideração que a reportagem parte de uma notícia que García Márquez leu sobre um veterano que para ter o que comer tinha penhorado suas condecorações. Era só mais um de mais de quatro mil que tinham sido recrutados ao acaso. Na Colômbia da época, de acordo com Gabo, se repetiu quase todos os dias nos editoriais, na rua, nos cafés, nas conversas familiares, como uma república invivível. Para muitos sem perspectivas a Guerra da Coréia foi uma solução pessoal, contudo o que o jornalista repercute em “Da Coréia à realidade” vem da sensação de insatisfação e também de uma história parecida na família. Nela a memória de infância traz uma abordagem pessoal e ao mesmo tempo opinativa.

Para Herscovitz (2004), García Márquez faz uma fusão muito peculiar entre jornalismo e literatura, sendo a última, sendo o elemento predominante. Se a literatura é ou não a característica mais forte ainda não se pode afirmar porque nestes textos o novíssimo jornalismo literário prevalece. Todavia o **item a** emerge pelos gêneros e aqui com a construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações articuladas em teias de personagens. No trecho



abaixo, o colombiano traz um relapso da literatura embutida no meio de um estilo que não há restrições quanto ao modo de se expressar, como aqui sobre a situação que envolve uma guerra em um país totalmente diferente da Colômbia:

Os historiadores encontraram certamente uma boa fórmula literária para escrever a história da guerra coreana. Mas essa história é muito mais interessante e humana quando a contam os soldados rasos, os veteranos que agora andam por aí, transformados em colombianos comuns, depois de haverem conhecido, junto ao perigo, nas antípodas da casa em que nasceram, um modo de viver que, por muitos motivos, parecia, às vezes, um sonho fantástico e, às vezes, um pesadelo. Desde o momento em que pisaram terras coreanas, contam os veteranos que não tiveram que se preocupar com nenhuma das exigências elementares da vida: eram abastecidos de sabonetes, dentifrícios, alimentos em conserva com tamanha generosidade “que, com uma única lata, no almoço, a gente ficava satisfeito” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.353).

Promover a narrativa na medida em que o jornalista assume uma reportagem (temática ou biográfica) resulta da junção de inteligências racionais e emocionais. Segundo Brito (2007), deve-se entender e viver, até que seja, também, a sua história. A verdadeira índole do jornalismo literário seria fazer com que o conteúdo e forma sejam parceiros da mesma aventura assim como na literatura de ficção. Nos textos que aqui se encontram os veteranos agem obrigados e aparecem explorados, embora seja um argumento de Gabo para com o governo. O **item e** está correlacionado ao **item a**, sendo assim proposto por Bulhões (2007). A irrupção da reportagem na história do jornalismo, ocorrida no século XIX, se faz com a evidência a um aspecto que a acompanharia desde então, tornando-se um traço essencial do gênero a necessidade do jornalista – o repórter – no palco das ações dos acontecimentos, trazendo a voz de quem convive estreitamente com os fatos. No Brasil, a presença de Euclides da Cunha, em 1897, no cenário da Guerra do Canudos como correspondente de O Estado de S. Paulo pode ser evocada como um bom exemplo dessa atitude. Ainda conforme Bulhões (2007), a reportagem é o ambiente mais inventivo da textualidade informativa. Na dilatação do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um cenário ou desdobrar-se plenamente na narratividade.

No passado, o jornalismo foi abrigo de escritores que se transformaram em repórteres numa época em que ainda não existiam definições técnicas de qual seria a linguagem mais adequada para os jornais. Uma convivência tão próxima deixa lembranças por onde as duas narrativas se completam com elementos da outra, misturam-se e comunicam-se. Essa proximidade, no entanto, permite também que



disputem espaços ou domínios específicos. É como Vicchiatti (2005) defende que há diferenças, porém não são separados por barreiras intransponíveis. Há pontos de intersecção para construir uma narrativa quase híbrida.

Outro item do jornalismo literário diz respeito aos traços básicos (**conforme item c**) colocado por Felipe Pena e que em “Da Coréia à realidade” estão presentes. Além de Pena (2008) e Lima (2003), Necchi (2007) cita esses recursos em artigo, são eles: a profunda observação, imersão na história a ser contada, fartura de detalhes e descrições, textos com traços autorais, reprodução de diálogos e uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência. Necchi analisa que alguns mitos do jornalismo, como o lead e a impessoalidade, são uma espécie de camisa de força porque tiram a criatividade do escritor. Enfim, o **item c** vem abraçar o que o jornalismo tem de superficial e o que a reportagem não descarta. Méndez acredita que foi a partir do contato com este gênero e trabalhos no *El Espectador* que o estilo de García Márquez se desenvolve:

Fue em esse momento em que, además de formarse como periodista, García Márquez va desarrollando su estilo peculiar y descubrelos elementos temáticos y formales más importantes de su universo literário: la preocupación por la circularidade o reversibilidad del tiempo, el recurso del realismo mágico y el manejo de la ironía. En esa época aparecentam bién los elementos más relevantes del contenido de sus obras como son: la denuncia de la mentalidade dominante em Colombia, el elogio a los que tratan de romper el conformismo, la preocupación por la falta de solidaridad y por la violència y hasta los temas del invento y el contrabando. (MENDÉZ, 1989, p.12)⁵

Denúncia e o posicionamento de promotor revela a pessoa que ele formou dentro do que se espera jornalismo literário. No caso em questão os sobreviventes da Coréia, porém, tinham lutado contra a causa do comunismo e a favor das ânsias imperiais dos Estados Unidos. E mesmo assim, no seu regresso, não apareciam nas colunas sociais e sim nas páginas policiais. Um deles, que matou a tiros dois inocentes, perguntou aos seus juizes: “Se na Coréia eu matei cem, por que em Bogotá não posso matar dez?” Para García Márquez este homem, da mesma forma que outros delinquentes, havia chegado à guerra quando o armistício já tinha sido assinado. No entanto, muitos iguais a ele foram

⁵Foi nesse momento em que, além de formar um jornalista, García Márquez desenvolve seu estilo único e descobre os elementos temáticos e formais mais importantes de seu universo: preocupação com a circularidade ou reversibilidade do tempo, o uso de realismo mágico e manipulação da ironia. Nessa época aparecem também os elementos mais importantes do conteúdo de suas obras, tais como: a denúncia da mentalidade dominante em Colômbia, louvor para aqueles que tentam quebrar conformidade, preocupação com a falta de solidariedade e pela violência e até mesmo tópicos de invenção e de contrabando. (Tradução de autoria própria e não condiz com opinião de Gabriel García Márquez, procura esclarecer as palavras de José Luis Méndez)



vítimas do machismo colombiano, que se manifestou no torneio de matar veteranos da Coreia. O repórter imergiu na realidade para produzir com estilo e voz autoral uma série de reportagens contra o sistema predominante, onde e a própria imprensa colombiana não se enxergava nos veteranos.

Não está presente o **item b** porque possui um estilo ainda leve e relatos que reforçam uma interpretação. Na ficção-jornalística, os autores conhecem os limites da reportagem, mas na maioria das vezes já trabalharam na imprensa e tinham o compromisso de se ater apenas aos fatos, de forma concisa e objetiva. A ficção-jornalística não tem compromisso com a realidade, apenas a explora como suporte para sua narrativa. Diferentemente do romance-reportagem, cujo objetivo essencial é a reconstrução fiel dos acontecimentos. No segundo pode ou não haver ficção, que também não se encontra por aqui.

Quando se fala em hibridismo (**item d**) no jornalismo literário tende-se a passar batido ou creditar menos interesse porque se acredita numa convergência, por vezes contraditória. Nos textos sobre os veteranos da Guerra da Coreia há a potencialização dos recursos do Jornalismo, visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead* e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. Evitar os definidores primários não aconteceu porque ele fez uso das fontes de informação que como o psiquiatra Uriel Durán foram importantes para defender as vítimas. Contradição sempre haverá, com estes textos notam-se avanços lentos, mas preciosos, em direção à utilização da literatura. Os profissionais de imprensa devem partir em busca de maior identificação com o leitor, da maneira de García Márquez expõe: recheando informações com histórias de vida, trazendo emoção ao que pode passar batido no cotidiano.

O drama de três mil crianças colombianas desabrigadas

TABELA 3: CARACTERÍSTICA DO TEXTO JORNALÍSTICO LITERÁRIO		
	Sim	Não
a) Narrativa:	X	
b) Subgêneros tipologia: Romance-reportagem, ficção jornalística, biografia, etc.		X
c) Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo e precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáfora), digressão e humanização.	X	



d) Hibridismo: Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do <i>lead</i> , evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.	X	
e) Reportagem como base:	X	

(Fonte: Pena (2008), Bulhões (2007))

Tudo começa com a leitura de um telegrama oferecido por um amigo. Era o drama de uma multidão de meninos arrancados de seus povoados e aldeias pelas Forças Armadas, sem plano preconcebido e sem recursos, para facilitar a guerra de extermínio contra a guerrilha de Tolima. Eles tinham sido afastados de seus pais sem tempo nem para que se soubesse quem era filho de quem, coisa que muitos dos próprios meninos não sabiam dizer. O drama havia começado com uma avalanche de mil e duzentos adultos conduzidos a diferentes localidades de Tolima, depois dessa primeira visita a Melgar, e instalados de qualquer jeito e depois abandonados nas mãos de Deus. Os meninos, separados de seus pais por simples considerações logísticas e dispersos em vários asilos do país, eram uns três mil, de diferentes idades e condições.

Gabo lembra, em *Viver para Contar* (2013), que a história daquele disparate logístico foi publicada em várias reportagens sucessivas, sem consultar ninguém. A censura se manteve em silêncio e os militares replicaram com a explicação da moda: os acontecimentos de Villarrica eram parte de uma ampla mobilização comunista contra o governo das Forças Armadas, que eram obrigadas a responder com métodos de guerra.

Nesta reportagem gera desde a imersão do repórter no local após os primeiros dados, então o **item c** traz inclusive o uso de metáfora e humanização porque alguns casos em destaque como o que chamou a atenção do jornalista – o garotinho Helí Rodríguez. Ele foi até ao abrigo, porém explorou nos detalhes sabendo disso o fato dele ter vivenciado o local trouxe para o leitor o que é necessário em suas obras. O toque criador se reforça diante de situações imprevisíveis ou aparentemente intransponíveis.

No hibridismo (**idem d**) ou estrela de sete pontas que está no texto o conceito está ligado com a questão linguista. Exemplo abaixo passa humanização e imersão por parte de Gabo:

De todas as crianças exiladas de Villarrica, a que permanecerá maior tempo no Amparo será Helí Rodríguez, que ainda tem 12 anos para desfrutar da proteção do asilo. Ele aprenderá a ler, a rezar e a cantar. Aprenderá as regras fundamentais de educação e os rudimentos da profissão de fundidor. Mas dentro de 12 anos, quando tiver 14, Helí



Rodríguez terá que deixar o Amparo para ganhar a vida. Em tais circunstâncias, o mais provável e também o menos dramático que lhe poderá acontecer é que morra de fome ou que um juiz de menores o mande para uma casa de correção (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.588)

Esta imersão associada anteriormente ao jornalismo literário de fato considera a base da reportagem (**item e**), porém não um subgênero porque a questão precisa ser trabalhada como **item a** paralelamente. Para Pena (2008) nesse tipo de narrativa, o autor não inventa nada. Ele se concentra nos fatos e na maneira literária de apresentá-los ao leitor. Trata-se do cruzamento da narrativa romancista com a narrativa jornalística.

Considerações finais

Em geral, a escolha por uma escrita monopoliza um gênero e com García Márquez podemos notar após equilibrar as características jornalísticas e literárias presentes nas reportagens. De acordo com a observação da tabela, houve uma presença total das características, muitas delas híbridas. Na segunda não se encaixa em um subgênero tipologia, assim como na terceira.

Entre as reportagens, a presença comum do caráter de denúncia, assim como a quantidade e qualidade das informações, resultaram em textos construídos com uma linguagem mais literária do que propriamente jornalística, pois misturava de forma magistral os dados de toda ordem com palavras de cunho mais poético, imprimindo a tais matérias jornalísticas um estilo diferenciado de contar uma história baseada em fatos reais. Esse esmero estético de que García Márquez lançou mão foi igualmente uma saída para que seus textos conseguissem chegar aos leitores colombianos em meio a uma censura implacável. Usando de uma linguagem menos objetiva, em que a escolha de vocabulário e de tempos verbais adequados eram alternativas fundamentais para não ter o texto proibido, mesclando opinião com informação -, a liberdade de agregar citações, diálogos, pensamentos e pontos de vista à estrutura dos textos, a possibilidade de criar personagens que, em plena ação narrativa, se encarregavam de transmitir as notícias ao público.

Tais características foram imprimindo a esta nova forma de produção de textos jornalísticos um traço que viria a ser uma de suas mais expressivas marca, o caráter do relato. Talvez a denominação de Gabriel García Márquez como parte deste campo prospere ideias sobre um texto agregado a leveza proposta por Calvino (1990) e encontrada nas reportagens do *El Espectador*. A leveza, na concepção de Calvino



(1990), está relacionada a elementos diversos que permeiam textos literários, capazes de fazer com que o leitor vivencie esta sensação.

Portanto, à García Márquez restava alimentar a energia motriz que movia sua produção jornalística, a busca de uma narrativa própria. Para tanto, era preciso assumir o posto de narrador, papel que sobretudo avalia o manejo ficcional para que ainda com tais características não deixe de ser cada vez mais real, no sentimento e quando participa de uma ação. O Brasil na época da efervescência de escritores-jornalistas trouxe muitas reportagens históricas e Euclides da Cunha é uma prova, enfim com outro latino-americano ainda mais internacional por causa de um prêmio podemos repensar novos trabalhos na área do jornalismo literário e alavancar um jornalista experiente, pois a profissão precisa apoiar-se seriamente em novos teóricos para creditar características menos rígidas.

Referências bibliográficas

- BRITO, José Domingos de. **Literatura e Jornalismo**. São Paulo: Novera, 2007.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Textos Andinos 1954 – 1955**. Obra Jornalística 2 1954-1955. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. **Notícia de um sequestro**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **O jornalismo mágico de Gabriel García Márquez**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, v. 1, n. 02, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2080/1823>.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5 ed. –Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: A saga dos cães perdidos**. 2 ed. – São Paulo: Hackers Editores, 2002.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2005.
- MÉNDEZ, José Luis. **Cómo leer a García Márquez**. Porto Rico, San Juan: Universidade de Porto Rico, 1989.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo literário. In: RIO DE JANEIRO (cidade), Secretaria Especial de Comunicação Social. **Newjournalism: a reportagem como criação literária**. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. 96 p
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: Comunicação, Literatura e Compromisso Social**. São Paulo: Paulus, 2005.